

A World Central Kitchen disse no domingo que retomaria as operações de ajuda alimentar em Gaza com uma equipe local de trabalhadores humanitários palestinos, quase um mês depois dos militares israelenses matarem sete funcionários da organização nos ataques direcionados a seus comboios.

Autoridades militares israelenses disseram que o ataque foi um "grave erro" e citaram uma série de falhas, incluindo a quebra na comunicação.

O grupo de ajuda com sede em Washington disse que ainda está pedindo uma investigação independente e internacional sobre o ataque do 1º de abril, sem garantias concretas "de como os procedimentos operacionais dos militares israelenses mudaram. Mas a situação humanitária na Faixa continua terrível", afirmou Erin Gore, chefe da equipe operacional no país. "Estamos reiniciando nossa operação com a mesma energia, dignidade e foco em alimentar o maior número possível de pessoas", disse ela.

O grupo de ajuda disse que havia distribuído mais de 43 milhões de refeições em Gaza até agora e tinha caminhões carregando o equivalente a quase oito milhões de alimentos esperando para entrar no enclave através da travessia Rafah, ao sul. A World Central Kitchen também planejava enviar caminhões à Faixa de Palestina pela Jordânia (que abriria uma cozinha na pequena vila costeira Al-Mawasi) designada pelos militares israelenses como "zona humanitária" segura aos civis, embora os ataques tenham continuado lá.

Seis dos sete trabalhadores mortos em 1º de abril eram das nações ocidentais - três da Grã-Bretanha, um do Reino Unido; uma da Austrália e Polônia. Um com dupla cidadania nos Estados Unidos ou Canadá. O sétimo foi palestino. Eles foram assassinados por ataques aéreos israelenses consecutivos contra seus veículos enquanto viajavam para Rafah depois que descarregaram ajuda alimentar pelo mar...

O ataque levou a World Central Kitchen a imediatamente suspender suas operações em Gaza e provocou indignação de alguns dos aliados mais próximos do governo israelense. Os movimentos do comboio da Cozinha Central Mundial foram coordenados com antecedência pelos militares israelenses, mas alguns oficiais não revisaram a documentação de coordenação detalhando quais carros faziam parte dele.

Cerca de 200 trabalhadores humanitários, a maioria palestinos, foram mortos em Gaza entre 7 de outubro e o ataque ao comboio World Central Kitchen. De acordo com as Nações Unidas, uma investigação visual do New York Times mostrou que bem antes da invasão à cozinha central mundial, seis grupos auxiliares na Faixa tinham sido atacados por Israel, apesar dos ataques terem compartilhado suas localizações para os militares israelenses.

O episódio forçou a World Central Kitchen a decidir entre acabar com seus esforços em Gaza ou continuar, "sabendo que ajuda humanitária e civis estão sendo intimidados", disse Gore no comunicado.

"Em última análise, decidimos que devemos continuar a alimentar-nos e dar continuidade à nossa missão de mostrar alimentos às pessoas durante os momentos mais difíceis", disse ela.

Em um memorial em Washington para os trabalhadores da World Central Kitchen na quinta-feira, o fundador do grupo e chef celebridade José Andrés disse que havia "muitas perguntas não respondidas sobre a situação ou por quê", além de exigir uma investigação independente das ações militares israelenses.

Os sete trabalhadores humanitários "arriscaram tudo para alimentar as pessoas que não conheciam e nunca conhecerão", disse André. "Eles eram os melhores da humanidade".

Author: condlight.com.br

Subject: ajuda alimentar em Gaza

Keywords: ajuda alimentar em Gaza

Update: 2024/7/3 21:21:19